

Pesquisa em Debate

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: EM EVIDÊNCIA O PERSONAGEM CHICO BENTO

COMIC BOOKS: IN EVIDENCE THE CHARACTER CHICO BENTO

Susete Maria Ramos Cortez Oliveira

Mestre pelo Programa Interdisciplinar da Universidade São Marcos

Rosemari Fagá Viégas

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professora da Universidade São Marcos

Resumo

O presente artigo estabelece concepções entre a linguagem escrita e a linguagem visual: as histórias em quadrinhos. Expõe particularidades do personagem Chico Bento, como sendo um representante do indivíduo habitante do campo. Um representante do universo rural, mas de maneira inteligente, onde vive as tradições, o folclore, com inocência e simplicidade. Neste sentido, as histórias em quadrinhos de Chico Bento resgatam do passado (da tradição) os valores morais para a contemporaneidade como uma alegoria do passado ao personificar valores culturais do homem do campo expostos sobre personagens inocentes dentro da linguagem visual e escrita pelo grupo de amostras pesquisado.

Palavras-chave: história em quadrinhos; cultura brasileira; personagem Chico Bento.

Abstract

This article provides ideas between the written and visual language: the comic. Exhibit features the character Chuck Billy, as a representative of the individual inhabitant of the field. A representative of the rural world, but intelligently, home traditions, folklore, with innocence and simplicity. In this sense, the comic book Chico Bento recover from the past (tradition) moral values to contemporary as an allegory of the past to embody cultural values of the rural grounds of innocent characters in the visual language and written by the group of samples searched.

Key Words: comics; brazilian culture; Chico Bento

Na sociedade contemporânea, o homem vive seu cotidiano inserido no mundo das imagens. É possível ver pessoas assistindo a um trailer de um filme na TV e, ao mesmo tempo, observar a mesma história em revistas de quadrinhos ou ainda acessar a um site desse mesmo personagem ou assistir, no cinema, a uma longa metragem enfocando o mesmo enredo. Cada vez mais, a tecnologia vem potencializando a criação de signos por meio da mídia. O excesso de signos, de técnicas de simulação vem transformando o cotidiano na sociedade do espetáculo. Nesse contexto, a história em quadrinhos faz parte da indústria cultural, com produção em série massificadora que eterniza a ideologia de classe, seja dominante ou não. Tendo em vista que as histórias podem despertar o senso crítico e reforçar vínculos, desenvolvendo certo tipo de olhar crítico que os recursos verbais tradicionais isoladamente não possibilitam, podemos chegar à importância que lhes reserva o campo da comunicação.

O descobrimento dos quadrinhos como produção artística e educativa surge inicialmente num ambiente cultural europeu, sendo depois ampliado para outras regiões do mundo e favorece a aproximação das HQs das práticas pedagógicas. Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo.

Nesse artigo buscamos a relevância da persuasão imposta pela ideologia das histórias em quadrinhos de autoria de Maurício de Sousa, especificamente, através de um de seus personagens: Chico Bento. Enfoca-se a criação desse personagem, seus costumes e seu contexto como um elo entre a tradição e a modernidade contemporânea, particularmente, no contexto de práticas escolares. Aqui, o mito Chico Bento é visto como um representante do brasileiro. O personagem personifica a bondade, a simplicidade do homem do campo. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos de Chico Bento resgatam do passado (da tradição) os valores morais para a contemporaneidade.

A partir da metade do século XX, o Brasil passa por intenso processo de urbanização e industrialização e, conseqüentemente, é irrigado pela cultura das mídias. As gerações, que se desenvolvem “nesse mundo” infestado pelos meios de comunicação e de informação, experimentam mudanças nas percepções de si próprias e do mundo. Em 1961, é criado o personagem de Maurício de Sousa: “Chico Bento”, que possui características peculiares que o diferenciam de outros personagens: seu estilo de vestir, sua maneira de falar, seus valores

personais e sociais, o meio em que vive (campo), o grupo de pessoas com o qual convive. Aliado ao conceito de família em que ele está estabelecido, todo esse perfil compõe e determina seu jeito de viver.

Chico Bento é elevado à categoria de objeto de estudo, pelo fato de despontar como uma unanimidade dentre os teóricos dos quadrinhos nacionais [...] o Chico Bento permanece impávido, citação indefectível quando o assunto é brasilidade. Estranho poder, o desse menino, fenômeno de persuasão entre as crianças. Buscamos resgatar os valores e princípios de brasilidade que constituem a identidade do sujeito rural representado pelo personagem Chico Bento. O personagem preserva a identidade “caipira” por não se modernizar dentro dos parâmetros da cultura contemporânea, nesse sentido, Chico Bento denota a fragmentação do indivíduo inserido na cultura atual.

A presente investigação compõe as HQs de Maurício de Sousa e seu grande personagem regional Chico Bento, como um autêntico habitante da brasilidade. Conhecemos seus mitos que distinguem ao personagem Chico Bento, e os defrontamos com atributos ideológicos vinculados sobre práticas escolares. Nesse sentido pela compressão bibliográfica através dos históricos das HQs e pelo processo de análise do contexto de identificação cultural brasileira com o homem do campo, colocamos em evidência uma posição histórica e ideológica da atual sociedade.

Para verificar como é o olhar que a escola tem sobre a “cultura Chico Bento” resolvemos entrevistar alguns professores e crianças do ensino fundamental de uma escola particular em São Paulo. Assim, elaboramos um pequeno questionário, primeiramente para os professores, embasados em duas questões fundamentais:

“Como você identifica o personagem Chico Bento?”

“Como você trabalha esse personagem em sala de aula?”

Entrevistamos um universo de seis professores. Das suas respostas, tivemos as seguintes:

*“**Professora 1**, o identifica como um menino simples, que vive na roça, educado e prestativo. Em sala de aula trabalhou o falar diferenciado do personagem Chico Bento”.*

“Professora 2, como um caipira, uma criança do campo, com uma cultura e vivência diferente. Na sala de aula traçou a diferenças entre a vida na cidade e a vida no campo”.

“Professora 3, como um personagem que mostra a pessoa da roça. O homem simples, com costumes simples. Na sala de aula trabalhou demonstrando os costumes do povo do interior”.

“Professora 4, é um personagem da historia em quadrinhos muito importante, pois retrata assuntos vividos na infância de algumas regiões, principalmente rural. Ele representa a linguagem da zona rural, a ênfase para o fonema ‘r’ – Porta, por exemplo. Na sala de aula, busco trabalhar quanto às variedades lingüística, trabalhando na escrita a omissão de letras e o significado das palavras de região para região”.

“Professora 5, identifica como um caipira, na sala de aula trabalha as histórias em quadrinhos”.

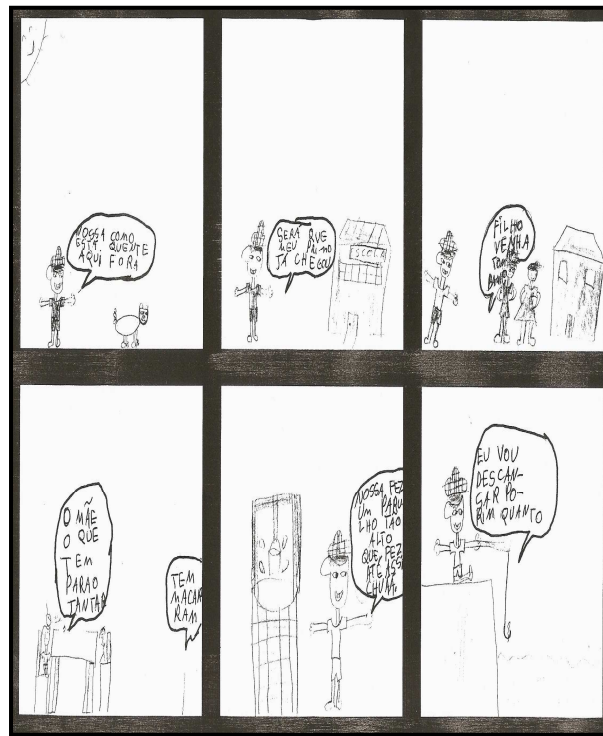
“Professora 6, um menino simpático, inocente e feliz. Na sala de aula desenvolveu com os alunos um trabalho sobre valores, amor a vida e as pessoas, pois ele é um menino humilde que valoriza tudo o que a vida pode oferecer”.

Percebemos que a maioria das professoras caracteriza o personagem como o “típico caipira”: um menino inocente, puro e que mora na roça. Acreditamos que esta caracterização do personagem por parte das professoras leva em conta apenas suas diferenças sobre o jeito de falar e ao seu modo de viver. Observa-se aí, o desfecho e o alerta para importância na descrição do personagem. Deixando em evidências os alicerces para conhecimentos das questões regionalistas culturais, para não consolidar questões ideológicas. Quanto à ação pedagógica, sobressaem propostas de dentro do contexto situacional.

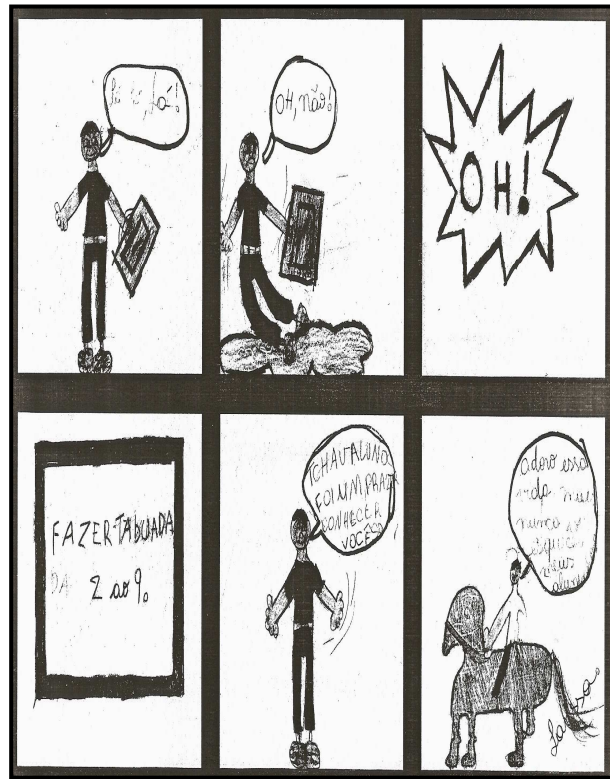
Em relação às crianças com idade de sete e oito anos são introduzidas dinâmicas em sala de aula. Propôs-se a produção de uma história em quadrinhos sob páginas divididas em seis quadrantes iguais, nas quais o personagem Chico Bento aparece como “ator” principal. A seguir, procedem dois exemplos de desenhos vivenciados pelas crianças e

escolhidos como modelo representativo da amostra, mas que seguem o padrão simbólico e verbal.

Desenho 1 - Um dos exemplos de produção vivenciado por uma das amostras



Desenho 2- Um dos exemplos de produção vivenciado por uma das amostras



Os conteúdos verbais e simbólicos dos alunos refletem o personagem como um menino esperto, bondoso, travesso, ou melhor, muito sapeca. Descrevem meninos que vivem no campo, lagos, muitas árvores, sol e cavalo. Podemos dizer que aos olhos apressados de seus leitores mirins, seu jeito de ser diferente é algo muito original. É interessante também evidenciar as formas como são feitas as representações simbólicas e as falas do personagem. Nem parece o Chico Bento, visto nos exemplos. Parece até outro personagem embora visualmente seja o mesmo. A caracterização verbal está mais próxima da variante culta e o uso das vestimentas não se tornaram estereotipadas.

No entanto, na linha de pensamento entre extremos do rural e urbano, podemos dizer que o conceito de rural ainda aparece como algo que representa um “atraso” e o urbano como referência a ser alcançada, principalmente tecnologicamente, isto representa um mito que vem se desfazendo aos poucos, pois atualmente as pessoas que residem nos grandes centros urbanos procuram a tranquilidade e o sossego da vida rural, seja em forma de diversão ou mesmo para estabelecer moradia; ou no intuito de fugir da falta de segurança.

O mais curioso é a disparidade entre o olhar dos alunos e dos professores, que é algo marcante em nosso estudo. Visto que, as crianças não estereotipam em nenhum momento o personagem Chico Bento, no entanto, os professores na maioria das amostras, o evidenciam como um “caipira inocente”. Acreditamos que, a partir deste resultado antagônico, os professores precisam atualizar-se, ou melhor, dar espaço a novos conceitos, no resgate pelo conhecimento de nossa cultura regionalista brasileira para não gerar preconceitos pela falta do conhecimento.

Particularizando os quadrinhos no âmbito do desenvolvimento da criação de Maurício de Sousa por meio de seu personagem Chico Bento, podemos dizer que esse autor não pasteuriza conteúdos e não esconde individualidades locais e regionais. Em sentido contrário, em tese, o que destacamos nesse artigo é que as histórias em quadrinhos quanto mais universais forem suas problemáticas, maiores as chances de seus produtos atingirem amplo setor da população. Dessa forma, é natural que esses veículos evitem temas polêmicos ou direcionem de maneira particularizada à realidade que só diz respeito a grupos sociais muito específicos. Contradizendo esse argumento, o personagem Chico Bento, garoto caipira,

divulga a realidade da população rural brasileira no sentido de focar as questões específicas de uma cultura que faz parte da sociedade brasileira.

Com a globalização, questiona-se o desenvolvimento da área rural no sentido de modernização. Observamos que, embora a modernização de técnicas de trabalho e de convivência pessoal se faça presente em numerosos núcleos rurais, o sentimento e a ideologia do indivíduo caipira se mantêm enraizados na sua forma de vida como: preservar a natureza; cuidar de animais; ter os amigos próximos e, valorizar sua identidade cultural. Nesse sentido, a história em quadrinhos do Chico Bento permanece por mais de meio século no gosto da criança e do adulto. As histórias em quadrinhos são um produto industrial e, podemos dizer que a influência da sociedade interfere na criação do autor (ou autores) para a concretização da obra com questões ideológicas.

O personagem Chico Bento representa a trajetória do homem trabalhador rural que experimenta uma diversidade de condições de vida que tece uma teia de relações entre a cidade e o campo para assegurar a sua sobrevivência na contemporaneidade. Notamos que tanto a recriação de práticas e tradições rurais em espaços liminares nas periferias das cidades, quanto à adoção de valores e padrões de consumo urbanos no campo. O homem e a mulher do núcleo rural vêm se fazendo muito marcante nos cenários socioeconômico e literário típicos do Brasil, até por causa do linguajar próprio, seu modo de vida e suas características.

Chico Bento embora seja como Jeca Tatu não se identifica com a criação de Monteiro Lobato, já que não representa o “atraso”. É um representante do universo rural, mas de maneira inteligente. Vive as tradições, a inocência e a simplicidade. Também não é Pedro Malasartes, Chico Bento não é trapaceiro. O personagem não é para ser imitado na plenitude do seu agir, como em sua linguagem que dominada pelo tom coloquial que foge aos parâmetros do falar culto, mas reconhecido como digno representante do espaço rural, cujo proceder leva ao conhecimento da história do campo.

O personagem traz um pensar que destrincha os problemas sociais. Na literatura, o registro do homem do campo é visto como um recorte de originalidade. Assim, quando vemos a travessia que Guimarães Rosa que traça no *Grande Sertão: Veredas*, o Liso de Sussuarão, transportamo-nos para história e sentimos as angústias, vividas, por dentro e por

fora, de quem atravessa aquele deserto. Admitimos que tanto o homem sertanejo como o homem caipira são tipos que apresentam semelhanças e diferenças. O sertanejo é tido como um homem forte, em que o meio o difere daquele. O sertão molda o sujeito para a luta constante e diária na qual precisa ser forte para resistir às dificuldades que a seca oferece. O caipira é caricaturizado como mais “lento e é apanhado nas brenhas e grotas, à beira dos rios, com aparente preguiça e ignorante”, na figura síntese de Jeca-Tatu de Monteiro Lobato. Porém, ambos carregam a etiqueta do atraso em relação à industrialização das cidades – o que recai sobre o modo de vida. Nas histórias de Chico Bento, esse aspecto é abordado positivamente.

Quando se observa na literatura brasileira o sujeito rural, nota-se que este carrega uma bagagem de guardados preciosos depositados ao longo da vida como se ali residisse toda a sua riqueza e sua alma. Os poetas e escritores registram esse homem rural na forma de personagens que não deixam a cultura morrer. Dessa maneira, Cora Coralina diz que “alguém deve rever, escrever, e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a limpo”. No poema *Caminho dos Morros*, Cora Coralina revela modos típicos do homem rural caipira na figura de Preto velho “[...] Preto velho calado, mascando seu fumo. Preto velho fechado, cuspidando de banda. Preto velho enleado na sua ronha [...]”.

Essa sonoridade na poética nos remete ao silêncio de matuto que é próprio do indivíduo caipira. E, quando personagem Preto velho diz: “Deus dá para o tamanho da precisão”, podemos perceber a não necessidade de acumular bens e capital, algo ligado à religião e à cultura. É assim, que nosso estudo ressalta a presença do indivíduo caipira ou rural, com toda sua complexidade e sua contradição, ricamente presente nos “causos”, nas cantigas, nas histórias e nos ahares de quem vive ou ouve e reconta essa trajetória. Esse sujeito é uma herança que abriga a cultura que o Brasil tece desde a mestiçagem do negro-índio-europeu até a massa formadora de nosso povo e, portanto, um ser provido de guardados culturais que contribuirão para as futuras gerações. O nosso personagem Chico Bento abarca do homem rural seu jeito sabido, seu ar sossegado, outra vezes forte, lutador, que ora pode nadar no rio e pescar com respeito e mansidão, ora sem se rebelar e sem se mostrar genuinamente valente.

Referências bibliográficas

- ALBERTO, João, Aizen A. *A formação do Mercado Editorial Brasileiro de 1933-64*, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.
- ALMANAQUE DO CHICO BENTO n°58. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, agosto de 2000.
- _____ n°82. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, agosto de 2004.
- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. Coleção Primeiros Passos. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BERGER, P. ; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes: 1972.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: *O poder simbólico*. (Trad. Fernando Tomaz). Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989. p.107.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo* — coleção tudo é história, V. 75. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática. 1975.
- COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. Coleção Primeiros Passos. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MELO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- MOYA, Álvaro. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NADILSON, Manoel da Silva. *Fantasia e Cotidiano nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Editora Annablume, 2002.
- REDENTIM, Marcelo. *Classes Sociais e Representação*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.364-407.
- ROBERT, Shirley W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.
- ROLAND, Barthes. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- SAINT-HILAIRE, Augusto. *Viagem a provincia de São Paulo* — Coleção reconquista do Brasil V.18, São Paulo: Itatiaia, 1976.
- SPINK, Mary Jane. 2000. “Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social”. In: *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano*. São Paulo: Cortez, pp. 17-39.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Histórias em Quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de Massa*. Dissertação de Mestrado apresentado em 1985, na Escola de Comunicação e Arte.
- ZILLES, Ana Maria Stahl. “O jeitinho brasileiro de falar português”. In: *Revista Biblioteca Entre Livros*, São Paulo, Duetto Editorial, 2005.